

TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO CLÁSSICA: O DEBATE SOFISTA***THEORY AND PRACTICE IN THE CLASSICAL FORMATION: THE SOPHIST DISCUSSION****TEORÍA Y PRÁCTICA EN LA FORMACIÓN CLÁSICA: EL DEBATE SOFISTA****Recebido:** 12/06/2014**Aprovado:** 21/01/2015**Tatiane da Silva¹****Marcus Vinicius da Cunha²**

Este trabalho tem por objetivo discutir algumas concepções filosóficas e educacionais da Sofística, especialmente de Protágoras e Górgias, evidenciando como esses filósofos entendiam a relação entre teoria e prática a fim de propiciar uma reflexão sobre a forma como se encara estes dois pólos que compõem a formação humana atualmente. O método empregado para a realização de tal intento consiste na revisão bibliográfica, no qual os resultados são obtidos da interpretação de conteúdos e da comparação entre significados explícitos ou latentes. Os resultados evidenciam que os Sofistas propuseram uma nova maneira de pensar o mundo por intermédio da *práxis* realizando assim a junção entre teoria e prática. Tal transposição do dualismo entre teoria e prática faz concluir que se deve utilizar a teoria como recurso para exercer o pensamento reflexivo e elementos para criar novas ações baseadas na experiência que se vivencia para lidar com um mundo em mudança.

Descritores: Aprendizagem; Educação; Filosofia.

This work aims to discuss some philosophical and educational conceptions of Sophistic, especially Protagoras and Gorgias, showing how these philosophers understood the relationship between theory and practice in order to provide a reflection on how one sees these two poles that make up the human development currently. The method employed for the realization of such intent is the literature review, which the conclusions are obtained through the content and interpretation of the comparison between explicit or latent meanings. Results show that the Sophists have proposed a new way of thinking about the world through praxis thus realizing the junction between Theory and Practice. This transposition dualism between theory and practice leads us to conclude that we should use the theory for us to exercise our reflective thought and have elements to create new actions based on the experience that it is living to deal with a changing world.

Descriptors: Learning; Education; Philosophy.

Este trabajo tiene como objetivo discutir algunas concepciones filosóficas y educativas de los sofistas, especialmente Protágoras y Gorgias, mostrando cómo estos filósofos comprendieron la relación entre la teoría y la práctica con el fin de ofrecer una reflexión sobre cómo se ve estos dos polos que componen el formación humana actualmente. El método empleado es la revisión de la literatura, que permite que se obtengan a las conclusiones del contenido y la interpretación de la comparación entre los significados explícitos o latentes. Las investigaciones indican que los sofistas han propuesto una nueva forma de pensar el mundo por la praxis, de esta manera lograr la unión entre teoría y práctica. La transposición del dualismo nos lleva a concluir que se debe utilizar la teoría como un recurso para que ejerzamos nuestro pensamiento reflexivo y para crear nuevas acciones basadas en la experiencia que se estea viviendo para hacer frente a un cambiante mundo.

Descritores: Aprendizaje; Educación; Filosofía.

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo. Bolsita FAPESP. E-mail: tathsilvausp@gmail.com

²Doutor em História e Filosofia da Educação. Livre-Docente em Psicologia da Educação. Professor Associado do Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Pesquisador do CNPq. E-mail: mvcunha2@hotmail.com

*Trabalho decorrente de pesquisa subsidiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

INTRODUÇÃO

Os sofistas atuavam na Grécia como professores de retórica, pensadores, oradores e intelectuais, especialmente na segunda metade do século V a.C. e no começo do século IV a.C. O nome Sofista está relacionado às palavras gregas *sophos* e *sophia*, comumente traduzidas por sábio e sabedoria, servindo para designar aquele que tem conhecimento de cada um dos problemas que dizem respeito ao homem e à sua posição na sociedade. Tal aceção positiva do termo, no entanto, tornou-se negativa, sobretudo pela posição fortemente polêmica de Platão e Aristóteles¹.

A extensão dos problemas formulados e discutidos pelos Sofistas em sua atividade de ensino era realmente espantosa, destacando-se, dentre outros, os problemas filosóficos na teoria do conhecimento e da percepção; a natureza da verdade; a relação entre linguagem, pensamento e realidade; a sociologia do conhecimento; os problemas teóricos e práticos da vida em sociedade, sobretudo nas democracias; a natureza e finalidade da educação e o papel dos professores na sociedade; e as ruinosas implicações da doutrina segundo a qual a virtude pode ser ensinada. Dois temas dominantes permeavam o movimento Sofista: a necessidade de aceitar o relativismo nos valores e noutras coisas, sem reduzir tudo ao subjetivismo, e a crença de que não há área da vida humana, ou do mundo como um todo, que seja imune à compreensão alcançada por meio do debate racional¹.

Aborda-se neste trabalho um tema que perpassa toda a filosofia Sofista, a discussão da dicotomia entre Teoria e Prática. Num primeiro momento será abordado o contexto no qual estes pensadores estavam inseridos e as mudanças pela qual a sociedade ateniense estava passando.

Num segundo momento, discuti-se as maneiras como os filósofos desde os tempos de Homero entendiam a relação entre Teoria e Prática e como esta relação foi dicotomizada pelos pré-socráticos para então ser conciliada, tempos depois, pelos

Sofistas. Ainda, destaca-se que ao entenderem Teoria e Prática como elementos que não se contrapõem, os Sofistas delinearão uma formação espiritual para os cidadãos da polis, entendendo o homem não apenas como ser abstrato, mas também como ser concreto num mundo em mudança e incerto.

O objetivo deste trabalho é discutir algumas concepções filosóficas e educacionais da Sofística, especialmente de Protágoras e Górgias, evidenciando a maneira como esses filósofos entendiam a relação entre Teoria e Prática a fim de propiciar uma reflexão sobre a forma como se encaram estes dois polos que compõem a formação humana atualmente.

MÉTODO

O presente trabalho se insere no âmbito da pesquisa qualitativa. Para a discussão do tema proposto foi realizado um levantamento bibliográfico dos principais livros e artigos que tratam das concepções filosóficas e educacionais dos Sofistas. Após o levantamento bibliográfico realizou-se a revisão bibliográfica, a qual possibilitou a formulação e explicitação tanto durante a coleta dos dados quanto em sua análise, permitindo estabelecer e avaliar os dados, assim como fazer uma ligação entre os mesmos em diferentes momentos. Ao passo em que progride a teorização enraizada, a revisão bibliográfica fornece as construções teóricas, categorias e propriedades que servem para organizar os dados e descobrir novas relações entre teoria e mundo real².

Os resultados decorrentes da análise dos dados foram obtidos por intermédio da interpretação de conteúdos, bem como da comparação entre significados explícitos ou latentes.

RESULTADOS

As construções teóricas decorrentes da discussão deste trabalho originam-se da análise de 8 obras e 4 artigos assim divididos: utilizou-se uma obra destinada à explicitação da pesquisa qualitativa e dos seus enfoques epistemológicos e metodológicos; para compor a discussão a

respeito da contextualização do movimento Sofista foram utilizadas 3 obras acerca do referido movimento, os quais retomaram as discussões a respeito destes filósofos propondo uma nova interpretação desta corrente filosófica; para a discussão do dualismo entre teoria e prática no pensamento filosófico foram utilizadas 2 obras e 3 artigos que abarcam as filosofias gregas e suas concepções acerca do homem e do mundo. Para a confecção do último item que trata do ideal de formação humana presente nas concepções dos Sofistas Górgias e Protágoras foram utilizadas 2 obras e 1 artigo que têm por tema a *Paidéia* grega, ou seja, o ideal de formação do cidadão grego para atuar na *polis*.

Procedeu-se a uma busca nas bases de dados de Revistas especializadas no tema priorizando os artigos publicados entre os anos de 2010 a 2014, porém os resultados não se mostraram satisfatórios visto ser um tema pouco explorado e com escassas pesquisas em andamento que tratam deste assunto.

DISCUSSÃO

Sofistas: homens de seu tempo

Entre 450 e 400 a.C. a cidade de Atenas foi palco de profundas mudanças sociais e políticas e intensa atividade intelectual e artística. Dissolveram-se os padrões tradicionais de vida e experiência para dar lugar a novas perspectivas que permitiram o exercício da crítica às crenças e aos valores aceitos pelas gerações anteriores.

Os Sofistas souberam captar de forma precisa as transformações de sua época, sabendo dar-lhes forma e voz, em resposta às necessidades do momento, propondo aos jovens a palavra nova pela qual ansiavam, uma vez que não se mostravam satisfeitos com os valores tradicionais que a velha geração propunha. Tais fatos são arrolados como possível explicação para o fato de os Sofistas terem alcançado tanto sucesso naquela época, particularmente entre as novas gerações³.

Por muito tempo os historiadores da filosofia adotaram não só as informações advindas de Platão e Aristóteles sobre os

Sofistas, mas também os juízos de valor elaborados por eles, fazendo com que o movimento Sofista fosse desvalorizado, considerado como um momento de grave decadência do pensamento grego³. Somente no século XX tornou-se possível realizar a revisão sistemática dos juízos até então emitidos, ocasionando uma reavaliação histórica que levou à conclusão de que os Sofistas representaram um elo essencial na história do pensamento antigo^{1,4,5}.

O movimento de revisão do pensamento Sofista destacou a verdadeira revolução espiritual empreendida por aqueles pensadores, por meio da qual se produziu o deslocamento do eixo da reflexão filosófica da *physis* e do cosmo para o homem e àquilo que concerne à vida do homem como membro de uma sociedade³. Ao posicionar o homem no centro da reflexão filosófica, os Sofistas centraram-se nos problemas concernentes à ética, à política, à retórica, à arte, à linguagem, à religião e à educação, iniciando o que pode ser chamado de período humanista da filosofia antiga, no qual se encontrava a preocupação com a formação do cidadão e do sábio virtuoso⁶.

Ao tomarem o universo e o mundo físico como objetos da investigação racional, os Sofistas inovam ao transferir esses métodos à organização social e ao homem enquanto ser político. Essa mudança no eixo da reflexão tomou o homem como ponto de partida de reflexões que se irradiaram à sociedade, à política, a ética, à educação, ao direito e à linguagem. No período pré-sofístico, o homem era objeto de análise apenas por intermédio de uma visão do cosmo; a partir do período sofístico, o cosmo é visto por meio do homem. Passa-se da situação cosmo abrangendo o homem para a situação homem no mundo. A busca pelo princípio inicial (*arché*) que marcava a filosofia de então cedeu espaço à presença do indivíduo na existência, ou melhor, do homem em relações políticas e existenciais com seus concidadãos. O natural (*physei*) acomoda agora a seu lado a convenção (*nomos*), a escolha dos homens; a verdade, antes amparada pelos mitos, pela religião e

pelos laços comunitários, entra no reino da *dóxa* (opinião) e da *Sofia* (conhecimentos vivenciados e fruídos como sabedoria), ingressando desta maneira na direção do movimento e do tempo; é nesse tempo que surgem as indagações que levaram ao aparecimento das ciências humanas⁷.

Os Sofistas foram responsáveis não só pela conversão do olhar filosófico do cosmos para os homens, mas também por uma educação formal no mais alto sentido da palavra, a qual ainda não representava uma estruturação do entendimento e da linguagem, mas abrangia a totalidade das forças espirituais. Por muito tempo, se entendeu os Sofistas pelo ponto de vista de Platão, o que inibiu e de certa forma ainda inibe a compreensão genuína do significado daquele momento da história da educação, uma vez que apresenta problemas próprios de momentos posteriores da reflexão filosófica. Historicamente, a Sofística é tão relevante quanto foram Sócrates ou Platão, pois demarca uma era em que o ideal da *arete* do homem recolhe em si todos os valores que a ética aristotélica reúne mais tarde como prerrogativas espirituais⁵.

A superação do dualismo entre Teoria e Prática no pensamento Sofista

O período homérico (1200 a.C. a 800 a.C.) refere-se ao momento iniciado com a suposta invasão dórica que teria destruído a Civilização Micênica no século XI a.C., e concluído com a ascensão das primeiras cidades-estados gregas no século IX a.C. Refere-se também à época dominada pela literatura épica de Homero e pelos primeiros registros escritos a utilizarem o alfabeto grego, no século VIII a.C.

Nesse período, possuir conhecimento de qualquer espécie dizia respeito a possuir conhecimento prático de como as coisas venham a ser e são. *Episteme* (ciência) e *techné* (arte, técnica) eram confundidas com o ato de criar (*poiesis*); possuir conhecimento, então, era saber como trazer uma realidade preferida ao longo do tempo por meio do engajamento ativo com as coisas e as pessoas de um ambiente compartilhado⁸.

No tempo em que os Sofistas começavam a atuar na Grécia – início do século V a.C. – *episteme* e *techné* tinham começado a se separar. Embora a formalização dessa separação tenha sido feita anos mais tarde por Platão e Aristóteles, sua distinção apareceu nos antecessores dos Sofistas, conhecidos como filósofos pré-socráticos, os primeiros a separarem conhecimento racional do Ser universal do conhecimento prático que lidava com o mundo efêmero⁸.

Para os filósofos pré-socráticos a função do conhecimento não era ficar sobre um mundo em mudança para controlá-lo, mas furar o véu das aparências e transcender as limitações de costume usando o *logos* (a linguagem do argumento lógico) para alcançar o *Logos* (a ordem natural e racional do mundo). Esses filósofos naturais (*physikoi*) surgiram no início do séc. VI a.C. tendo por intuito situar no lugar de um mundo mitológico um mundo das ideias construído pela força do pensamento humano independente, o *logos*, o qual poderia ser reivindicado para explicar a realidade de uma maneira natural⁸.

A começar por Thales (640-546 a.C.), os pré-socráticos estavam ligados ao que Guthrie chama de crença de que sob a aparente multiplicidade e confusão do universo ao nosso redor existe uma simplicidade fundamental e uma estabilidade que a razão pode descobrir⁸. Tal crença culminou na longa tradição do dualismo filosófico, o qual, diz respeito à divisão entre conhecimentos e questões de fato e apreciação contemplativa, separação entre inteligência prática e inteligência não prática^{9,10}.

As mudanças ocorridas em Atenas no início do século V a.C. ocasionaram a submissão da aristocracia de nobreza à democracia dos cidadãos; a passagem da autoridade da aristocracia dos mitos para a democracia dos argumentos públicos; o recuo da aristocracia dos oráculos, que deu lugar à democracia das leis humanas; a aristocracia da poesia entregava sua glória para a democracia dos discursos prosaicos⁸.

Tais mudanças culturais foram cruciais para a quebra na tradicional divisão entre inteligência prática e inteligência não prática que há tempos caracterizava a vida grega. Com a capacidade dos indivíduos para usar seu conhecimento e habilidades para subir na hierarquia social e também para alterar a sua própria estrutura, a atenção naturalmente voltou-se para o desenvolvimento de um ideal de inteligência prática – de empregar os recursos do *logos* para trazer novos e melhores estados de existência no mundo. A introdução do pensamento criativo nas artes e na emancipação civil provocou uma verdadeira transformação na sociedade, uma vez que os cidadãos e trabalhadores foram libertados das restrições das castas e procuraram naturalmente todos e quaisquer recursos disponíveis para avançar em um mundo em mudança e incerto⁸.

Os pré-socráticos emanciparam a *episteme* destes fins estritamente práticos, num esforço para dar à imaginação especulativa liberdade para vagar. Ao negarem a separação entre conhecimento teórico e prático, os Sofistas reuniram as duas esferas do conhecimento sem colapsá-las, preservando a autonomia intelectual enquanto reconheciam que o valor a longo prazo da especulação era medido por essa capacidade para enriquecer a vida política e cultural⁸.

Os Sofistas eram ligados à crescente classe de negócios conseguindo prosperar ao oferecerem aos cidadãos ambiciosos as habilidades necessárias para aproveitar ao máximo as suas oportunidades na política e na economia. Essa atitude experimental era reflexo de uma era otimista que acreditava que a humanidade poderia controlar seu próprio destino por meio do poder da arte, uma vez fundida com recursos da inteligência e métodos de invenção⁸.

Em alguns fragmentos de Protágoras tais como, *o homem é a medida de todas as coisas; sobre cada assunto há dois logoi* [discursos ou argumentos] *opostos; com relação aos deuses, eu não estou em posição de saber se eles existem ou se eles não existem*, podem-se extrair várias implicações

metafísicas e epistemológicas, mas, quando se analisam enquanto argumentos práticos e pedagógicos, seu efeito consiste em conduzir a atenção do divino para os negócios humanos, do transcendente para a experiência humana, da crença dogmática para o julgamento deliberativo⁸. Protágoras sugere que a forma da sabedoria não era poesia divinamente inspirada, mas sim contrastados argumentos humanos em prosa; a preferência de Protágoras pelo *logos* pode ser entendida como uma defesa (por meio da práxis) para uma nova maneira de pensar o mundo¹¹.

É por intermédio do *logos* que os Sofistas aliam os dois polos – *episteme* e *techné*, até então considerados antinômicos – do pensamento filosófico. A análise lógica dos Sofistas é fundamentada em narrativas históricas, oferecendo uma explicação provisória da condição humana através do tempo, resultando em uma nova forma de discurso que sugere novas soluções para os problemas da organização social representada pela democracia. A retórica não era um talento especial para bajulação, como mais tarde Platão a denominou, mas uma nova produção de um tipo de discurso capaz de fundir lógica com poesia para dar forma à experiência coletiva de uma cidadania em situações *kairóticas*⁸.

Para Górgias a retórica é a expressão culminante do sentimento pensante que penetra fundo no auditório e transforma suas atitudes em direção às coisas e ideias no mundo. Essa visão é marcada pela relação da diversidade e da realidade da experiência humana refletida na multiplicidade do *logoi*, uma visão instrumental da teoria enraizada na valorização da *techné*, um interesse metodológico para constituição da virtude e autossuficiência nos assuntos públicos e privados, uma postura experimental em direção ao *logos* que visa estilo e substância como meio de transformar um ambiente compartilhado por intermédio da interação sobre um horizonte temporal⁸.

O conhecimento social e histórico acumulado no *logoi* da tradição torna-se o elo entre teoria e prática. Utilizando a retórica, os Sofistas desenvolveram um

processo ativo de criação e invenção por intermédio dos textos históricos⁸. Situar esses conhecimentos no mundo em que viviam, considerando as ideias gerais sobre as coisas, tais como as qualidades opostas, a justiça, o bem, o útil, as leis, os deuses, as ciências como a geometria ou a astronomia, e também as convenções nascidas de um consenso entre os homens para a utilidade da vida em comum e de cada um. Não há saber universal e necessário sobre as coisas; não há verdade, apenas opiniões verdadeiras em movimento e as técnicas nascidas da experiência e da observação para o uso e ação dos homens⁶.

Com os Sofistas, abandona-se o modo de vida ascético e, conseqüentemente, afasta-se da ambição social, da intemperança e do mundo em geral postulados pela filosofia até então, trazendo os conhecimentos, anteriormente metafísicos e abstratos, para o mundo sensível por intermédio do *logos*¹². Os Sofistas abordavam as artes e as ciências como recursos para a criação retórica com o intuito de dominar as contingências e reduzir a incerteza no meio do conflito e do tumulto⁸.

Górgias acreditava que qualquer retórico sério deveria dominar todas as teorias intelectuais de sua era para chegar a novas perspectivas de ação. O *logos* é visto pelos Sofistas como um meio de transformar experiências ruins em melhores, uma vez que sugere novas possibilidades de ação baseada em sua própria análise e comparação. Vê-se nessa atitude o emprego dos recursos do conhecimento teórico para informar a prática coletiva e, assim, ajudar a controlar o destino da humanidade em um mundo em mudança⁸.

Os Sofistas usavam todos os recursos do pensamento reflexivo para produzir transformações produtivas em um ambiente complexo e em mudança. A atitude sofisticada abrange o que Eric Havelock caracteriza como o espírito Prometeano de uma era em que o homem usuário da ferramenta (como na arquitetura, navegação e metalúrgica) é conjugado com o homem cientista abstrato (nos números, alfabeto e medicina) para

produzir uma perspectiva única sobre o caráter e funções do homo sapiens⁸.

Quando se percebe a disposição sofisticada para considerar o conhecimento como algo importante por auxiliar o homem e suas ações na sociedade e no mundo em que se insere, entende-se que os Sofistas não eram teóricos que se voltavam para a prática, mas, sobretudo, praticantes que desenvolviam teorias para enriquecer e ampliar, subseqüentemente, a prática. Seu exemplo histórico fornece então um modelo de como teoria e prática podem operar juntas no desenvolvimento de pedagogias democráticas radicais pautadas em uma atitude de experimentalismo que se expressa em novos métodos de criação⁸.

A paideia Sofista: formação do homem total

A concepção Sofista de conhecimento como algo que é dotado de utilidade somente quando modifica e transforma a prática dos homens em sociedade abarca também uma concepção de educação, a qual engloba o conjunto de todas as exigências ideais, físicas e espirituais, no sentido de uma formação espiritual consciente do cidadão⁵.

Cabe ressaltar que há poucos detalhes sobre os Sofistas para que se possa oferecer uma imagem dos processos de ensino e dos objetivos de cada um dos seus representantes principais, pois aqueles filósofos não deixaram escritos que tenham sobrevivido a eles por muito tempo. Os textos de Protágoras ainda eram lidos no final da Antiguidade, mas foram esquecidos a partir daquela época. A dificuldade em encontrar textos Sofistas concerne também no fato, apontado por Tucídides, de que a *epideixis* retórica daqueles filósofos não era coisa estável e permanente, mas sim fragmentos brilhantes para auditórios circunstanciais; os seus esforços visavam exercer uma ação sobre os homens, não constituir uma atividade literária. Isso não impede de reconhecer a singularidade das suas concepções educacionais transmitidas pelos poucos trabalhos que restaram e também pelas informações dos doxógrafos⁵.

A Atenas do século V a.C. havia passado por transformações significativas, tornando-

se uma sociedade urbana, comercial, artesanal e democrática; a antiga *areté*, baseada no desprezo pelos trabalhos manuais e no ideal de formação do nobre guerreiro, já não fazia sentido, perdendo espaço gradativamente⁶. Foi das necessidades mais profundas da vida do Estado que nasceu a ideia da educação Sofista, a qual reconheceu no saber a nova e poderosa força espiritual daquele tempo para a formação de homens, e a pôs a serviço desta tarefa. Foi com os Sofistas que a noção de *paideia*, com a conotação de uma teoria consciente da educação recebeu um fundamento racional⁵. Tratava-se de uma educação pautada na formação espiritual, na aquisição de uma cultura que tinha por meta o treinamento do homem, do homem como tal, do homem total enquanto membro de uma sociedade¹².

Encontram-se nos Sofistas duas modalidades distintas de educação do espírito: a transmissão de um saber enciclopédico e a formação do espírito nos seus diversos campos; o antagonismo espiritual destes dois métodos de educação só pode alcançar unidade no conceito superior de educação espiritual⁵.

A educação espiritual dos Sofistas era representada por Protágoras, que via na poesia e na música as principais forças modeladoras da alma, ao lado da gramática, da retórica e da dialética. Tal educação do espírito mergulhava suas raízes na política e na ética, distinguindo-se da formal e da enciclopédica, porque já não considerava o homem abstratamente, mas como membro da sociedade. Desse modo, colocava-se a educação em sólida ligação com o mundo dos valores, inserindo a formação espiritual na totalidade da *areté* humana. Tratava-se de uma forma de educação espiritual, pois o espírito não era considerado segundo uma perspectiva puramente intelectual, formal, ou de conteúdo, mas relacionado às condições da vida social⁵.

Protágoras entende que a educação do cidadão não termina com a saída da escola, pois é precisamente nesse momento que ela se inicia. Para Protágoras, as leis do Estado são a maior força educadora da *areté*

política. A educação cívica começa propriamente quando o jovem, ao sair da escola, entra na vida do Estado e se vê forçado a conhecer as leis e a viver de acordo com o seu modelo e exemplo. A ideia defendida pela antiga *paideia* aristocrática, cuja ênfase era posta na encarnação da figura ideal do homem, a qual deveria levar os demais cidadãos à imitação, torna-se um elemento secundário na educação Sofista. O exemplo pessoal tinha a função de colocar viva diante dos olhos do educando a norma a ser seguida; a lei faz desaparecer esse elemento pessoal da imitação, pois nessa nova concepção o elemento normativo já é mantido e reforçado como o mais alto elemento educador do cidadão. A lei é a expressão mais geral e concludente das normas válidas⁵.

Percebe-se, assim, ligação essencial que se estabelece entre a alta educação e a ideia do Estado e da sociedade. Uma educação humanista, no sentido mais amplo da palavra, é trazida pelos Sofistas, fazendo penetrar um ideal de formação humana nas profundezas da evolução do espírito grego e no seu sentido mais essencial. Nos tempos modernos, o conceito de humanismo refere-se expressamente à educação e à cultura da Antiguidade, e esta concepção tem fundamento no fato de que foi naquela época que se originou a nossa ideia de educação humana universal⁵.

É por intermédio do filósofo grego Plutarco que se conhece não só a trindade pedagógica dos Sofistas – natureza, estudo e prática –, mas também uma série de ideias vinculadas à sua doutrina educacional. É por intermédio do exemplo da agricultura, encarada como o caso fundamental do cultivo da natureza pela arte humana, que Plutarco explica a relação entre os três elementos da educação. Uma boa agricultura requer primeiramente uma terra fértil, um lavrador competente e uma semente de boa qualidade; análogo à agricultura, temos a educação, para a qual o terreno é a natureza do Homem; o lavrador é o educador; a semente são as doutrinas e os preceitos transmitidos de viva voz. Realizando-se as três condições com perfeição, o resultado é

extraordinariamente bom. Quando uma natureza escassamente dotada recebe, por meio do conhecimento e do hábito, os cuidados adequados, suas deficiências podem ser em parte compensadas⁵.

Desta maneira, existe a possibilidade de uma natureza exuberante decair e se perder, se for deixada ao abandono. Vê-se, assim, o quanto se torna indispensável a arte da educação, pois o que se obtém da natureza com esforço torna-se estéril, caso não seja cultivado, chegando até mesmo se tornar tanto pior quanto melhor se mostrava por natureza. Em contrapartida, uma terra pode ser pior, mas, se for trabalhada com perseverança, pode levar a inteligência a render os melhores frutos⁵.

A analogia entre a educação humana e a agricultura penetrou no pensamento Ocidental, criando a nova metáfora da cultura *animi*, segundo a qual a educação humana é cultura espiritual. Ressoa claramente neste conceito a sua origem metafórica, derivada da cultura da terra. As doutrinas educacionais do humanismo posterior guardavam esta ideia, que posteriormente conquistou lugar central na educação humana dos povos de cultura⁵.

O fato de terem sido os Sofistas os criadores do conceito de cultura adapta-se perfeitamente à caracterização que deles se faz como humanistas, mesmo que lhes fosse impossível suspeitar que essa metáfora, aplicada ao conceito de educação do homem, fosse tão rica de matices, chegando a se converter no mais alto símbolo da civilização. A ideia grega de educação vista como aplicação de leis gerais à dignificação e ao aperfeiçoamento da natureza pelo espírito humano, encontra nessa fecunda analogia o seu fundamento universal⁵.

Isso prova que a união da pedagogia com a filosofia da cultura, pela tradição atribuída aos Sofistas e principalmente a Protágoras, corresponde a uma necessidade interior. O ideal da educação humana é a culminação da cultura, no seu sentido mais amplo; tudo se engloba nesse ideal, desde os primeiros esforços do Homem para dominar a natureza física até o grau supremo da autoformação do espírito humano. Nessa

profunda e ampla fundamentação do fenômeno educacional, encontra-se a natureza do espírito grego, orientado para aquilo que de universal e de total há no ser⁵.

CONCLUSÃO

A analogia Sofista da educação humana com a agricultura permite discutir o problema da relação entre Teoria e Prática, a qual é decisiva para dar fundamento à formação do indivíduo em qualquer área de conhecimento.

Como visto neste artigo, não basta ao agricultor munir-se de um bom solo e uma boa semente, se não tiver o conhecimento das técnicas necessárias para um bom cultivo. Da mesma maneira, não basta possuir todo o conhecimento acerca da agricultura, se não souber utilizar a teoria para cultivar e resolver os problemas que surgem no cotidiano. Ter o conhecimento teórico acerca da agricultura não garante ao agricultor um resultado positivo na plantação. Faz-se necessário saber lidar com as intempéries do clima e as pragas, dentre outros infortúnios possíveis. E o agricultor só conseguirá lidar com tais situações se tiver contato ou possuir, ele mesmo, experiências anteriores com casos semelhantes ao seu, e se souber utilizar o conhecimento teórico e os saberes da prática para criar novas técnicas e ferramentas, as quais, sendo aplicadas corretamente, poderão leva-lo a superar as dificuldades que se apresentam no decorrer do cultivo.

Feita a transposição desses ensinamentos agrícolas para o campo educacional, à luz da filosofia Sofista, pode-se começar a discutir o significado do conhecimento historicamente produzido pela humanidade para orientar as condutas na realidade presente. Os Sofistas ensinam a olhar a teoria como algo valioso para enriquecimento da prática, sem tomar as concepções teóricas como soluções prontas e definitivas para os problemas que desafiam a humanidade, mas como poderosos recursos para que se exerça o pensamento reflexivo e, assim, reúnam-se elementos que auxiliem no desenvolvimento de novas ações baseadas na experiência atual. Os Sofistas ensinam a

conjugar Teoria e Prática para que os homens possam se movimentar nesse mundo marcado pela contingência, onde as certezas, se existem, são raras.

REFERÊNCIAS

1. Deslauriers JP, Kérisit M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: Poupart J, Deslauriers JP, Groulx LH (Orgs.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 127-153.
2. Kerferd GB. O movimento sofista. Tradução Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2004. 310p.
3. Reale G, Antiseri, D. A sofística e o deslocamento do eixo da pesquisa filosófica do cosmo para o homem. In: Reale G, Antiseri D. História da Filosofia: filosofia pagã antiga – vol. I. Tradução Ivo Storniolo. 3. edição. São Paulo: Paulus, 2007. p. 73-90.
4. Cassin B. O efeito Sofístico. São Paulo: 34, 2005. 440p.
5. Jaeger W. Paideia: a formação do homem grego. Tradução de Arthur M. Parreira. 5. edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 335-385.
6. Chaui M. Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles – vol. I. 2. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 560p.
7. Oliveira NR. Tempo dos sofistas, tempo de ruptura? Uma leitura da história a contrapelo. Multiciência 1998; 1(3):105-18.
8. Crick N. The sophistical attitude and the invention of rhetoric. Quaterly Journal of Speech 2010; 96(1):25-45.
9. Dewey J. Experience and nature. In: John Dewey: The later works, vol. 1 (1925). Carbondale: Southern Illinois University, 1981. p. 1-327.
10. Cunha MV. Teoria e Prática: alguns elementos para a reflexão. REFACS (online) 2014; 2(3):256-64.
11. Schiappa E. Protagoras and Logos: a study in Greek philosophy and rhetoric. Columbia: University of South Carolina Press, 2003. 270p.
12. Marrou HI. Educação e retórica. In: Finley MI. O legado da Grécia: uma nova avaliação. Brasília: UnB, 1998. p. 212-228.

CONTRIBUIÇÕES

Tatiane da Silva foi responsável pela concepção e delineamento do estudo, análise e interpretação dos dados e redação do manuscrito. **Marcus Vinicius da Cunha** foi responsável pela concepção e delineamento do estudo, análise e interpretação dos dados e redação do manuscrito.